

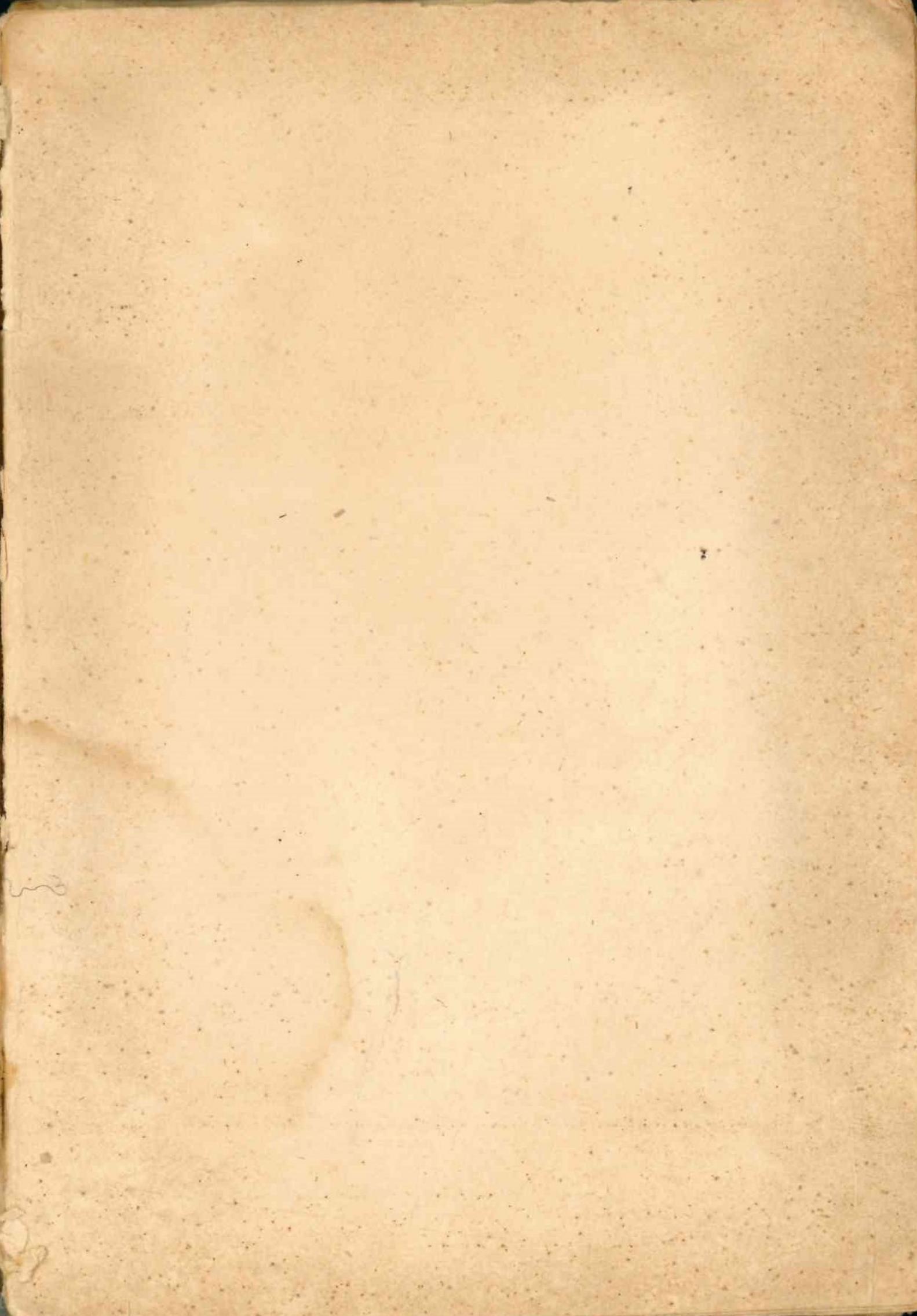
Apontamentos

BARCELLOS
— JOSÉ DA SILVA VIEIRA —
188

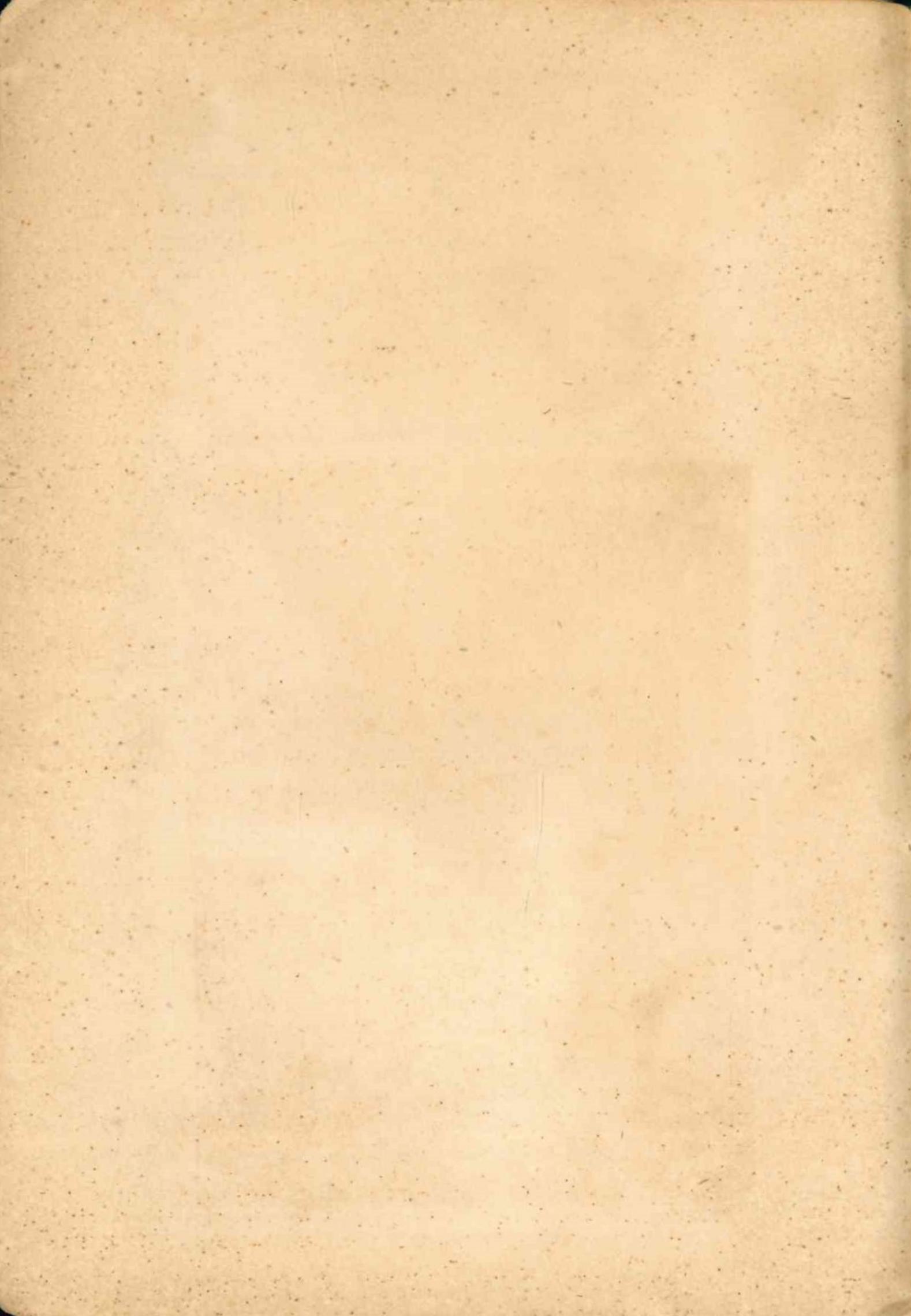


3(469.12)"18"









CE.M.E.B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL

BARCODES

Nº 15284

Barcelos Pern.

I

Costume popular de Fão

Na freguezia de Fão, pertencente ao concelho d'Espozende, é muito vulgar o costume em todas as mulheres, quer novas ou velhas, casadas ou solteiras, trazem ás costas uma saia preta, andando, aliaz magnificamente trajadas e com toda a decencia; todavia a saia pela cabeça é parte obrigada e usada por quasi todas, com honrosas excepções. Parece-me ser por isso que os seus vizinhos de Espozende os alcunham de:—*Cucos de Fão*, accrescentando que *enganaram o Senhor com uma codinha de pão*, com cuja cantiga todos os Fãozenses se enfadam consideravelmente.

Em Espozende também se observa um pequeno ramo d'este costume, vendo-se algumas vezes as mulheres de saias pela cabeça.

O trajo das mulheres de Fão é muito conhecido, já pelo paternal uso das saias, já pelos casacos que vestem, que são descidos um pouco até baixo da cintura e de um talho em parte diferente do de outras terras; muito abastados também na largura da cinta, phantaziam uma gordura ás vezes colossal, sendo certo que são uzados até por mulheres mui franzinas.

Cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuzo.

II

Para as moscas não cahir na comida quando está na meza

Quando se está á meza, e formos invadidos por muitas moscas, o que geralmente sucede no verão devemos, para não se pousarem na respectiva comida, fazer uso de uma receita curioza que consiste no seguinte: em prato, terrina *malga*, chavena, ou em outra qualquer peça de louça onde ellas possam cahir, deve collocar-se um garfo de ferro atravessado em ci-

mã da peça de louça que tiver a comida, ou qualquer líquido; este signal afugenta-as d'aquelle sitio. E' crença popular d'Espozen-de.

III

Signaes no corpo humano

Quando se mata um porco, (on porca) as mulhes que andarem grávidas devem ter toda a cautella em, depois de terem posto as mãos nos boches do dito porco, ou porca, em não as chegar ao corpo untadas de sangue porque se n'esta mesma occasião as pozer em qualquer sitio do corpo e *cossar-se*, a criança que nascer traz um signal no mesmo sitio do corpo onde a mãe poz a mão untada de sangue e gordura dos mesmos. Este signal cresce conforme o corpo, até ao exacto tamanho em que, pela mãe, foi sujo pelo sangue e gordura na primitiva occasião, e é sempre da côr dos boches.

Fica, pois, registrada essa crença.

I V

Oração do devedor

Devo-lh' o não lh' o nego
 pago-lh' o não o tenho
 rogue-me a Deus pela vida
 porque enquanto me vê
 vê a sua dívida. (Barcellos)

V

B á bá
 fugiu a burra
 B é bé
 manca d'um pé
 B i bì
 bem a vi
 B ó bó
 minha avô
 B ù bú
 beija-a no cù. (Barcellos)

VI

Dança o cão
 dança o gato
 porque não dança
 o carrapato?
 O carrapato
 o carramilo
 e a lagosta fizeram uma dança
 detraz da cangosta. (Espozende)

VII

Os rapazes quando abraçam o pae ou
mãe dizem o seguinte, apertando muito os
braços em volta do pescoço:

I

Chi-chi-coração
da pipa do vinho
e da caixa do pão.

II

Chi-chi-o-ló, ló,
beixinho na neta
sopapo na avó

(Barcellos)

VIII

Quando nós éramos vivos
que andavamos por aqui aos figos
agora que somos mortos
andamos por aqui aos barrocos.

(Barcellos)

IX

Trunfo é copas,
ourina é mijão,
meu pae é medico
eu não te gasto.

(Espozende)

X

Senhora Maquelina
no Brazil ha muita ganga
o 1.º ataque foi na rua da Quitanda
o 2.º foi na rua da Parada
d'aqui là
vai um tiro de espingarda. (Espozende)

X I

Quando se tem um pé dormente diz-
se o seguinte, fazendo com saliva uma cruz
no peito do pé:

Pé dormente
vae-te deitar
que estás doente. (Espozende)

X II

Contar as estrellas

Não é bom contar, nem apontar com a
mão direita para as sete estrellas; a razão
é porque quantas contar quantos cravos
lhe nascem nas mãos ou pés, assim tam-
bém pela mesma maneira quantas vezes a-
pontar com a mão quantos cravos nascem.
Isto foi o que me explicaram.

(Espozende)

X III

És como S. Benedicto
que nem come nem bebe
e anda gordito. (Barcelllos)

X I V

Sarampello
trez vezes ao pello. (Idem)

X V

Beiço rachado

Tambem é muito popular, tanto aqui em Espozende como em Barcellos, e onde por muitas vezes o temos ouvido dizer, o que vamos expor:

A crença diz que as mulheres grávidas não devem trazer mettida na cintura a chave de qualquer entrada de habitação, ou recinto de uso proprio ou doméstico, isto porque dá em resultado as creanças nascerem com um dos labios rachado.

Muitas vezes vimos nas freguezias proximas a Barcellos andarem as mulheres com gado no campo a pastar e ao mesmo tempo fiando na roca, e com a chave mettida na cintura; isto prova-nos a contradição da crença, sendo certo, porém, que se propala como facto verdadeiro. (Idem)

XVI

Jogos infantis

Pico, pico maçarico
quem te deu tamanho bico
lá no campo de D. Ignez
pille-e-um, pille-e-dois, pille-e-trez
lá acaba a tua vez. (Idem)

XVII

Quando está aqui qualquer pessoa
prestes a expirar o ultimo arranco da vi-
da, e mesmo depois do falecimento, é
costume, entre a classe piscatoria, rom-
perem, da parte dos doridos e outras pes-
soas amigas d'estes, gritos ensurcedo-
res e palavras de extremoso affecto, com
o fim de darem publico testimonho d'uma
amisade illimitada tributada ao cadaver.

Estas lagrimas, porém, são acompa-
nhadas muitas vezes d'uns commentarios
que provocam a irrisão aos estranhos!

(Espozende)

XVIII

Para a massa se levedar depressa

Quando está a massa amassada e prompta para se levedar, junta-se para um canto da masseira, e faz-se-lhe uma cruz em cima (isto é, um rego em cruz), e em seguida, põe-se o sacco em que veio a farinha do moinho em cima para a massa se levedar mais depressa

(Barc. Villa frescainha S. Martinho)

XIX

Deus te acrescente

Quando se está a metter o pão no forno, no fim de este serviço, ou antes de lhe tapar a porta, é costume dizer a seguinte legenda, fazendo uma cruz ao mesmo tempo com a mão direita em frente da porta do forno:

Deus te acrescente
como o fol da semente.

(Idem)

Serração da Velha

Entre outros costumes, sobresae mais este, no meado da quaresma.

Os rapazes aqui na villa de Espozende armam-se uns com troços de couves gallegas, outros com paus, outros com *sacatrapos*, outros com realejos proprios para esta occasião, e vão á porta das pessoas mais velhas e começam a fazer muito barulho e a bater á porta das mesmas com troços e paus: uma verdadeira enforneira, dizendo todas ao mesmo tempo:

*Sarra a velha da chafardelha.
deixa serrar a velha da carpinteira.*

e assim se entretêm n'esta brincadeira todo o santo dia e até pela noite dentro; chama-se a esta brincadeira *serrar a velha*; as pessoas que os rapazes temtam serrar, zangam-se, e por fim corremos á paulada.

Serração da velha

Em Barcellos tambem se serra a velha, mas è da seguinte forma: pega-se em um cortiço dos que tem servido com avelhas, vai-se á porta da pessoa que se deseja serrar, e com um serrão velho, ou um pau torto começa-se a fazer que se serra; a velha immediatamente sae e ralha com os autores de tal brincadeira, porque ainda que muito velhinha não quer ser serrada, isto porque dizem ser mau agouro.

E' este costume muito vulgar em diferentes terras e para o que, veja-se os costumes que passamos a descrever:

*

* * *

Não se pôde ser velho

(em Mouta)

Entre mil extravagancias que as gerações transactas nos legaram, existem aqui algumas, bem esquisitas e dignas de menção: é d'este numero a *Serração da velha*, que se effectua no vigesimo segundo ou terceiro dia da quaresma. Reu-

ne-se pela manhã toda a rapaziada, munida de grandes chocas, chocinhos e campainhas, e percorre as ruas da villa em procura da velhice. Chegados que são á habitação de alguém que conte um bom par de Janeiros, ahi começam a serrar o descuidado e pacifico anachoreta (não se assustem os idosos, nem lamentem a sorte dos seus collegas da janeirada, porque a cousa não é a valer) com uma infernal orchestra composta d'aqueles harmoniosos instrumentos, ate que faltando a paciencia ao serrado, recorra ás armas!... Agora o vereis.... Trabalhão bordões, servem pinceis molhados em cal, não se poupa a agua a ferver, em summa, emprega o misero condenado ao chocalho todos os meios que imagina para destroçar a terrivel phalange; mas qual carapuça?! Os endiabradados atormentadores da velhice, pertinaz por natureza repellem valorosamente todo e qualquer revez, e só deixão a victima depois de a haverem estafado e de lhe terem feito os miosos em agua: conseguindo isto ei'os ahi vão procurar novo padecente.

Dura isto todo o dia e parte da noute; imagineim que dia de juizo não será este n'uma terra pequena! Muitos velhos ha (e velhas porque à cousa tambem é com ellas) que temendo este inferno, se retirão para as fazendas vizinhas, onde ainda assim raras vezes esca-pão. Não andão em tudo isto reminiscencias das saturnaes?

Verissimo Ferreira Chaves Junior.

*

* * *

A serração da velha

(na Povoa do Varzim)

Tambem aqui teve uma festa muito animada e concorrida essa decantada *mi carême*, tão fallada hoje em as nossas principaes cidades.

Grupos de rapazes e creanças percorrem as principaes ruas d'esta villa, no meio de uma algazarra immensa, levando ás costas uns espantalhos simulando velhas e velhos em diversas posição estramboticas.

E, a porta da mais decrepita creatura de avançada idade, não se cançavam os grandes patuscos de cantar em viva voz—o serra-se a velha --no meio de uma vozeira dia-bolica, entre expansivas e alegres gargalhadas.

Nós recordando o nosso bom tempo de creança—não deixavamo tambem de nos alegrar ao contemplar a ruidosa festa dos rapazes, que foi deveras ruidosa.

(da Independencia)

*

* *

Serração da velha

(em Estarreja)

Passou desappercebida pelo rapazão a *serração da Velha*.

Na quarta-feira á noite, quando devia ter logar a dita costumeira, estava tudo em pleno silencio, nem sequer se ouvia o zumbido d'um mosquito nem os pios plan-gentes das aves nocturnas.

Os velhos costumes parece que se vão dissipando constantemente e cada vez será mais. Foi melhor assim. Tambem nos havemos de lembrar que estâmos no tempo santo, tempo que nos commemora a paixão e morte de nosso Senhor Jesus Christo.

(do Estarregense)

Vê-se por esta noticia que, transcrevemos, que n'esta povoação passou este anno desappercebido o velho costume; no entanto ainda existe, e pena é que se lhe não tenha feito a sua descripção exacta.

*

* * *

Serração da velha na aldeia

Na freguezia de S. Martinho de Villa Frescainha, proximo a Barcellos, tambem se observa o seguinte costume co.n relaçao á serração da velha: No dia em que acontece de calhar a serração da velha, á noite a rapasiada escolhe um moço ou homem que seja lôrpa e mandam-n'o subir a cima de uma *uveira* e ahi com um cortiço e u- ma serra fazem-n'o serrar o cortiço por muito tempo até que o *pacovio* se começa a zangar, querendo a todo o risco descer para bai- xo; porem os seus disfructantes impedem-n'o, fazendo-lhe assim u- ma verdadeira troça. No fim d'es- ta brincadeira vão então ás por- tas de um certo numero de velhas fazer-lhe a pirraça de as serrar, terminando assim esta velha uzan- ca.

Algumas vezes vimos e assistimos em criança a estas brinqueiras, que as mais das vezes era constituídas de creanças de várias idades.

XXII

A chegada do cuco

Nas freguezias circumvizinhas de Barcellos, reina a crença de que o cuco chega no dia de S. Bento da Varzea, em 22 de março; e, na freguezia d'este mesmo nome onde é venerado este santo é costume fazer-se, em duas romarias, uma feira annual de gado bovino, em cada uma d'ellas; porém quando um qualquer lavrador leva a essa feira uma junta de bois que sejam brancos ou russos, o povo diz logo: *aquelle vae buscar o cuco.*

Isto é crença geral em quasi toda a gente dos arredores de Barcellos, e, como n'esta occasião é que o tal maganão do cuco costuma aparecer, indo-se embora no S. Bento do verão, também, diz o povo, por este regresso, áquelles que levam gado branco á feira:—*vaes levar o cuco;* e para prova mais cabal, veja-se o q'

diz um jornal d'aquelle localidade com referencia ao cuco:—

«Hoje, dia de S. Bento, é que costuma chegar o cuco, sempre esperado com anciedade pelos nossos lavradores; mas estamos certos de que este hospede differirá este anno a sua viagem aos nossos sitios.»

XXIII

Costume popular

Quando nm sujeito vae a qualquer taberna com outro, o primeiro que entrar a porta para dentro é quem paga o vinho. Este costume observa-se em certos pontos do paiz, como por exemplo em Obidos aonde acontece o mesmo que comnosco. Lá, como aqui, o signal de haver vinho entrado de novo na tasca é um viçoso ramo verde. (1)

XXIV

Os ovos de paschoa (*)

No dia de paschoa, nas fre-

(1) Não explica de que arvore é o ramo; aqui é de loureiro.

(*) Tingidos no dia de Paschoa, ou na vespora.

guezas próximas a Barcellos, do lado poente, S. Pedro e S. Martinho, é costume todos os rapazes tingirem de qualquer cor ovos cosidos, o que constitue, para elles, o mais importante presente da mocidade.

Em seguida á pintura, com a ponta d'um canivete ou outro instrumento qualquer, fazem-lhe ramos, galos e outras gravuras d^e

animaes on arvores; n'aquelle dia não falham os ovos, pois que os rapazes correm persurosos a mostrar uns aos outros, a ver qual o mais bem rameado ou mais chic; tambem n'este dia nas mesmas freguezias é costume apresentar ao padre que anda a receber o follar, ovos crúz e 100 ou 200 rs. em dinheiro em prata, isto com o aparatoso effeito das aldeias como é, a casa decentemente arranjada e todo o sobrado ou terra coberto de flores, lestras, fruncho e todas as mais hervas que possam exhalar suave aroma, uma meza ou commoda com um crucifixo em cima adornado com vasos de flores e coberta a meza ou commoda com folhas das mesmas flores; no meio entao um pires ou uma bandeja pequena com o folar já indicado, estando o di-

nheiro espectado em uma laranja doce ou azeda, e algumas até são das que se compram nas doçarias, efeitadas com flores artificiaes, porém na occasião em que entra o padre dá a cruz a beijar e deita agua benta ás pessoas que acham n'aquellea occasião levando um seu ajudante o folar, e assim se retira percorrendo todas as habitações.

Eis aqui a descripção de uma das festas mais populares da nossa encantadora província do Minho.

REGESTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES, DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

N.º 8 Vol. IV

4.º Anno 4.ª Serie

ESPOZENDE 15 DE AGOSTO DE 1888

Tradições populares

da

PROVÍNCIA DO MINHO

(Continuado do n.º 7 do 4.º anno)

XXV

Obradas pelos mortos

Nas freguezias circumvizinhas de Barcellos, é costume quando morre qualquer pessoa, metter-lhe uma bulla da Santa Cruzada nas mãos, isto porque dizem que a pessoa que a dá alcança muitas

indulgencias. D'ahi a oito dias depois do falecimento vão as pessoas da familia e parentes á missa chamada do *sahimento*; a pessoa que fica herdeira do falecido tem obrigação de mandar pôr na igreja, ao findar a missa, um açafate pequenino com um lenço, ou toalha estendida por cima, com 500 reis em prata; logo que finda a missa as pessoas que assistiram a ella (aqueellas que quizerem orar por alma do falecido) ajoelham ao pé da caldeira da agua benta e do açafate, deitam agua benta em direcção á campa, e rezam um Padre Noso e uma Ave Maria; e no fim de cada reza que fizerem lançam dentro do açafate 20 reis, e assim successivamente esta quantia por um Padre-Noso e Ave-Maria que se rezar, revertendo este producto a favor do parocho da freguezia. E' isto a que se chamam *as obradas*.

No dia do enterro, depois d'este acto, há uma bôda a todos aquelles que foram acompanhar o defunto.

O Sr. Manoel Alves de Souza, de Castello Branco descreve assim um costume popular sobre os

mortos: — Sala ardente. — Em algumas aldeias das proximidades de Castello Branco é de uso e costume, apenas morre alguém, irem todas as pessoas da terra dependurar na parte interior, e até na exterior, da casa do falecido, uma candeia accesa. Aí não se sabe qual o pensamento que preside a este acto.

A casa assim illuminada torna-se à noite esplendida de brilho, e até serviria de pharol para o viandante que o acaso conduzisse em tempestuosa noite áquelles imperiosos e pedregosos montes; mas pharol de um mister bem diferente dos que servem de mira aos baixeis que sulcão as ondas do mar. Estes guiam o homem para o porto de salvação, em quando aquelles só o conduzirão á presença da morte.

XXVI

Boas festas em janeiro

Em Espozende no dia primeiro de janeiro à noite é costume a musica ir dar as boas festas, tocando um trecho de qualquer peça á porta d'aquelles que elles veem que lhes podem ser amaveis com qualquer *placa* em prata, percorrendo assim todas as casas mais abastadas. Os rapazes também correm todas as habitações, cantando as janeiras ao som de assobios, rufos de latas velhas, & emfim um verdadeiro gaudio, isto com o cheiro em algum vintem que lhes deem.

Com relação aos primeiros, também o Sr. M. Salgueiro, d'Aveiro, publicou uma noticia a qual, por ter relação com o nosso costume,

aqui a transcrevemos fielmente:—
Amor amore compensatur. —
 É costume em Aveiro ir no dia de Natal uma filarmónica d'artistas curiosos cumprimentar as pessoas mais gradas (ou mais endinheiradas) da cidade, tocando-lhes á porta varias peças de musica, ordinariamente retribuidas com alguns pintos. Aconteceu porém, haverá oito annos, achar-se aqui um sujeito, filho da terra e patusco de bom gosto, o qual chegara do Brazil havia pouco, trazendo algumas dezenas de contos de reis, e que por consequencia estava no caso de ser comprimentado. Lá forão com efeito, os homens, desperdiçaram uma soffrivel porção de vento, e quando esperavão ver chegar algum criado trazendo a paga em bom metal, eis que apparece a uma janella o dono da casa, de flauta em punho, e diz: «Até aqui derão-me os senhores as boas festas, agora dou-as eu aos senhores.» E ahi começa a tocar na flauta uma peça de musica, com a qual tiverão que dar-se por satisfeitos os mercenários filhos d'Euterpe.

XXVII

Crenças populares

Quando uma mulher beber vinho de um copo e tiver crenças do peito, não pode outra, que esteja nas mesmas condições, beber logo em seguida o resto do vinho.

Isto, segundo temos ouvido, porque passa o leite da primeira para a segunda, devendo por isso, para que tal coisa não aconteça, beber um homem ou rapaz entre

as duas, ou então uma mulher que não esteja aleitada.

Este caso tem-se dado muitas vezes com os animaes, por ex., tem succedido cadellas comer ás vezes os restos das comidas que deixam as porcas e o leite d'aquellas desapparecer, sendo necessario dar de comer á cadella e não a deixar acabar para a porca comer o resto, e n'esse caso o leite torna a apparecer.

XXVIII

Os homens, quando o primeiro bebe vinho (ou agua), e deixa ainda para outros, o que bebe o resto diz:—*Vou beber a tua força.*

Assim como estando alguns homens juntos em qualquer *sucita*, o que beber o ultimo vinho tem que tornar a mandar encher o cão. Isto é costume muito vulgar entre os amantes de Bacho.

XXIX

Não se deve urinár com uma luz na mão porque, segundo dizem os nossos bons e crentes velhos, ganha-se *dôr de pedra* na bexiga.

Também a muitos outros temos ouvido dizer que, quando se está a beber vinho ou agua se não deve estar com luz accesa na mão; a rasão d'este dito é porque dizem que a pessoa que assim o fizer—*bebe o juizo*, ou *a sabedoria*.

XXX

A força

Não se deve cortar o cabello que nasce desde o *carrullo* até ao

meio das costas, porque cortando-o se perde parte da força do corpo. Assim o diz a tradicçao popular.

XXXI

E' costume, quando se passa por cima de agua com ovos para chocar, levar sal junto com elles, porque temos ouvido dizer, se não se levar os ovos não geram pintainhos.

XXXII

Quando se leva uma bacca ao macho, temos visto e ouvido dizer que botam lama no simo do rabo da bacca, —*para ella pegar*, (isto é, machiar.)

XXXIII

E' costume nas freguezias circumvisinhas de Barcellos pôr-se em cima dos toneis que estão nas adegas, uma foice de aço quando está a trovejar; isto é para se não *derrancar* o vinho.

XXXIV

Quando um sujeito lhe arde muito a orelha esquerda está alguma pessoa a dizer mal d'elle, e nesse caso, o sujeito deve logo *ferrar* os dentes no collarinho da camisa, pois que, o sujeito (ou sujeita) que estiver a dizer mal trinca logo a lingua. Se é verdade, como temos ouvido dizer, é um grande correctivo sem muito custo.

XXXV

Cahindo uma thesoura com a ponta para o chão e ficando espetada dizem que é signal de—*visitá breve*.

Cahindo azeite no chão, ou em

outro qualquer sitio é signal de—
tristeza.

XXXVI

Cahindo vinho em cima d'uma
meza, ou no chão, é signal de—*alegria*.

Esta acreditamos que será cer-
ta, porque o vinho sempre faz a
gente alegre...

XXXVII

Quando os mochos, aves no-
cturnas, piám muito perto de qual-
quer casa que esta tenha alguma
pessoa doente, é signal de que a-
quella pessoa morre.

XXXVIII

Signaes de chuva pelos animaes

— Quando canta a *rela* é signal
de chuva proxima.

— Quando as gallinhas se dei-
tam no chão a espojar-se, e catam
o piolho, é tambem signal de chu-
va.

— Quando as mesmas estão a
dormir a pé e com uma perna en-
colhida, tambem é signal de chu-
va.

— Quando os gallos cantam
muito de dia, é signal de chuva.

—

Signal de sol pelas plantas

Quando no inverno as couves gallegas estão com as folhas muito cahidas, como se estivessem a murchar, é signal de que dentro em poucos dias vein sol.

Outro tanto succede com a couve nabiça,

XXXIX

A benção dos padrinhos

Deus te fade bem.

Deus te abençõe.

Deus te crie para boa sorte.

Deus te abençõe e te faça um homein.

Deus te abençõe e te faça um santo.

Quando uma criança chega ao padrinho e lhe pede a benção este diz qualquer dos trechos que acima inserimos, da-lhe a mão direita a beijar e em seguida faz-lhe cruzes em cima da cabeça com a mesma mão.

Os rapazes têem muita devoção em beijar a mão ao padrinho, ou madrinha, porque elles sempre escorregam a dar-lhes qualquer coisa.

Quando uma pessoa está a deitar sangue pelo nariz, uma outra que esteja presente deve por-lhe sobre o cachaço e a cabeça uma qualquer coisa em forma de cruz. (uma palheira por ex.)

Esta operação, deve ser feita sem que o padecente saiba.

Cujo resultado é efficaz, pois que de repente estanca a sangue.

A tradição popular assim o diz, e nós asseveramo-lo pelo termos presenciado.

O adivinhão

Há entre os rapazes do campo um modo de adivinhar o pensamento de qualquer um dos companheiros (ou companheiras), isto é, saber se elles se querem bem ou mal; consiste em pegar em uma perna de um feto do monte e começar por um lado a depennar as perninha dizendo, á porporção que vae tirando, sucessivamente:—

*Queres-me bem.
Queres-me mal.
Queres-me bem.
Queres-me mal*

e assim continuando sempre até final, e calhando a ultima perna que tirar em *queres-me mal*, já o rapaz sabe que o companheiro lhe quer mal, ficando logo triste, e se calha em *queres-me bem* então dão um abraço um no outro e ficam muito contentes; assim tambem as raparigas fazem o mesmo para saber o sentido dos rapazes, havendo por vezes bulha entre elles por causa d'isso, porque o accaso, ás vezes, dá constantemente *queres-me mal*, e n'este caso ellas acreditam em que seja verdade,

XLII

Antonio

Deus te livre do demonio
e das más tentações,
e do caldo de feijões,
e do rabo das colheres,
e inferno das mulheres.

C. M. B.

BIBLIOTECA

EGAUSTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES, DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

N.º 12 Vol. IV
4.º Anno 4.ª Serie

ESPOZENDE 15 DE OUTUBRO DE 1888

Tradições populares
da
PROVÍNCIA DO MINHO
(Continuado do n.º 10 do 4.º anno)

XLIII

Os rapazes quando estão juntos e algum faz bulha costumam dizer o seguinte:—

Indo nós por um caminho
encontraremos um burrinho,
cortaremos-lhe o focinho,
as nozes que elle c....
é pr'ó primeiro que aqui fallar.

Estando então todos calados,
pois que o que fallar primeiro, ou
abrir a bocca, é muito troçado

dos companheiros, dizendo todos unisonamente e apontando com a mão para o sujeito:—mamaste-l' o tu.

XLIV
Jogos infantis
O lencinho vae na mão

Rapazes e raparigas fazem uma roda estando todos com as mãos agarradas uns aos outros, e todos em pé; pelo lado de fora anda um rapaz (ou rapariga) com um lenço na mão dizendo em voz muito doce e cadenciada, o seguinte:—

*O lencinho vae na mão
elle cahirá ou não?*

Todos elles estão com muito sentido, porque o que anda em roda, se o deixa cahir detraz das costas de qualquer um sem elle dar por ella, e dêr uma volta sem o lenço, assim que chegar outra vez ao que tiver o lenço, leva uma pancada nas costas tendo depois de ir fazer o mesmo com o lenço em volta da roda até o deixar a porta de outro; quando então o sujeito pesca que elle o deixou cahir da mão, pega logo n'elle e começa a andar em roda, sahindo em antes que elle chegue a seu sitio, o que o deixou; este

que anda em volta (ou ella) traz sempre o lenço de traz das costas, e dizendo sempre a tal ladainha do *lencinho vae na mão*.

E' muito interessante este jogo pela curiosidade com que elles estão sempre; raro é aquelle que apanha a tal pancada nas costas.

Quando qualquer apanha, todos da roda se riem e o que apanhou fico envergonhado.

XLV Juras infantis

Os rapazes das aldeias e mesmo os da villa, quando estão a fazer qualquer contracto com outro rapaz, e que este entenda que o companheiro o pode enganar, diz então o que quer effectuar o contrato para o outro:

Juras?...

Na tua consciencia?...

Dizendo o companheiro com quem elle quer effectuar o contracto—*Juro*—se diz: *na minha consciencia*, então o outro fica certo que elle não mente, e nesse caso realisam o contracto que querem fazer, e se não é verdade diz para illudir o companheiro, fallando muito depressa:

Na vinha consciencia.

Na consciencia de meu irmão.

Na consciencia de meu cunhado.

Os mesmos quando dão um objecto um ao outro, e depois que o dá o torna a pedir, o que o recebe diz-lhe o seguinte:

*Quem dá e torna a pedir
ao inferno vae cahir*

intimidando com isto o que deu o objecto.

Os mesmos tem entre si o seguinte rifão, que tambem é applicado a gente grande; quando um rapaz rouba uma qualquer coisa a outro e depois outro lha torna a roubar, diz o ultimo o seguinte:

*Ladrão que rouba a ladrão
tem cem annos le perdão.*

E d'esta maneira : vra-se de dar o objecto roubado, ao outro que tambem o roubou.

Este rifão encontra-se tambem em qualquer conversa em gente grande.

Os mesmos dizem tambem, sendo verdade qualquer coisa que lhe pergunte:—

Os diabos me leve.

Iada eu vá para o inferno.

Raios me partam.

&. &. &.

porque sem fazer alguma destas juras, o companheiro ou companheira, não se fia n'elle.

Os mesmos tem entre si mais as seguintes juras, muito uzaes:

Jura pau

jura areia

quem mentir

vae p'rà cadeia.

Jura pau

jura ferro

quem mentir

vai p'ró inferno.

XLVI

Dos Santos

Ao Santo André
um mez é.

Do Santo André
ao Natal
são trez semanas.

XLVII

O nome dos dedos da mão direita principiando no mais pequeninho:

Mendinho.

Vesinho.

Maior de todos.

Fura bolos.

Mata piolhos.

Dizendo-se tambem:

O mendinho pede vinho,
o segundo é seu vizinho,
o terceiro é o maior de todos,
o quarto é o fura bolos
e o quinto é o mata piolhos.

XLVIII

O Fernandinho

Fernandinho foi ao vinho
... tiro-liro-lí
Quebrou o copo no caminho
... tiro-liro-lé
Ai do copo, ai do vinho
... tiro-liro-ló
Ai do cù do Fernandinho.
... tiro-liro-lú,

XLIX

A Senhora Anninhas

Foi a casa da Senhora Anninhas
com tenção de lá entrar,
veio um maganão de dentro,
você que vem cá buscar?...
«Vender fitas inglezas,
se a Senhora quer comprar;
tambem trago o meu pintinho
para consigo gastar.»
Inda a palavra não era dita
já o cacete andava no ar;
botei-me da janella a baixo

dei c'os costados no chão,
n'isto chegou a policia
está prezo seu maganão,
dei trinta reis á ronda
quinze reis ao escrivão,
cinco reis que me ficaram
foi a minha perdição—
foi compral-os de tremossos
para a praça do Reimão.
(versão do Porto)

L

Maria
fia fia
q'eu vou para o mar
a caçar muitos peixinhos
pr'o nosso jantar.
(versão do Porto)

LI

Os rapazes quando vêm um homem ir acavallo, dizem, fazendo uma algazarra medonha, o seguinte:

*Burro de baixo
burro de cima
mais burro é
o que vac em cima.*

LII

Saluços

Quando se tem saluços há um remedio efficaz para elles desaparecerem sem auxilio de medicamentos, o qual consiste no seguinte:—A' pessoa que está atacada com os saluços, para elles passarem basta dizer-lhe qualquer coisa com que a dita pessoa se distraia; por ex: qualquer mentira com que esta fique um pouco assustada, que rapidamente elles passam.

(Continua)

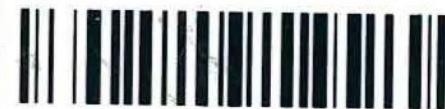
J. da SILVA VIEIRA.

MUNICIPIO DE BARCELONA
BIBLIOTECA

INHO

mesmos t
rifão, que
gente gra
nha uma
nois

biblioteca
municipal
barcelos



15287

Apontamentos